

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

OS ESTÓICOS E A LIDA COM AS PAIXÕES

Mariângela Areal Guimarães
Doutoranda – PPGF/UFRJ

RESUMO: Para o estoicismo antigo, o homem é natureza. Segundo um dos seus princípios básicos, a natureza dá ao homem todas as condições para que ele a siga, e segui-la consiste no grau superlativo da *areté*. Mas o homem fatalmente dela se afasta não sendo, conseqüentemente, virtuoso. Por que o homem não segue aquilo que ele mesmo é? Para respondermos a essa pergunta, temos que identificar o que impede o homem de seguir a natureza. Segundo os estóicos, as paixões são as responsáveis pelas perturbações na alma que podem levá-la a julgar de modo incorreto, ao em vez de julgar em consonância com a *phýsis*, isto é, segundo seu próprio ser. Diante de tal interpretação, pretendemos mostrar que a alma, como algo perturbável, deve ser lapidada de modo a aprender a lidar com as *pathémata*, mantendo-se em conformidade com o reto *lógos*.

PALAVRAS-CHAVE: estoicismo; ética; paixão; virtude; alma

ABSTRACT: For the ancient stoicism, man is nature. According to one of its basic principles, the nature gives to man all the conditions in order to follow it. And following nature is the superlative degree of *areté*. However, man fatally moves away from nature not being he, therefore, virtuous. Why man not follows what he really is? To answer this question, we have to identify what prevents man to follow nature. According to the Stoics, passions are responsible for the disturbances in the soul. The disorders can lead the soul to judge incorrectly, and not judge in accordance with the *phýsis*, that is, according to his own being. Thus, we intend to show that the Stoics believe that the soul can be disturbed. Therefore, should be improved in order to learn to deal with the *pathémata*, keeping in line with the correct *lógos*.

KEY-WORDS: stoicism; ethic; passion; virtue; soul

“Viver em conformidade com a natureza”¹. Este é um dos princípios fundamentais do estoicismo antigo. Analisando está máxima ética, podemos pressupor, então, que a natureza dá ao homem condições para viver segundo suas leis. Ao seguir a natureza, o homem estaria sendo virtuoso. No entanto, a observação do comportamento humano nos mostra que, apesar de o homem poder viver de acordo com a natureza e, assim, ser feliz, ele dela se afasta. Para os estóicos, nós, homens comuns, nos deixamos levar pelas afecções externas que

¹ Os textos de citações dos estóicos usados aqui são ARMIM, Von *Stoicorum Veterum Fragmenta*, (SVF), LAÉRCIO, Diógenes, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, livro VII, (DL) e LONG, A. A. e SEDLEY D. N., *The hellenistic philosophers*. DL VII, 87, *physeos telos eipe to homologouienos tei physei zen, hoper esti*

Areal Guimarães, Mariângela
Os estóicos e a lida com as paixões

continuamente perturbam nossas almas. Mas o sábio, segundo o estoicismo, que atingiu o grau superlativo de virtude, é o único capaz de lidar com as paixões.

Crisipo definiu a paixão como um impulso seguido de ‘algo mais’. O que caracteriza esse ‘algo mais’, ou melhor, o que torna o impulso uma paixão (*páthos*), é o excesso². Por exemplo, entre uma pessoa que se alimenta, comedidamente, com o objetivo de fortalecer sua saúde e, outra, que come além de suas necessidades pelo ímpeto da gula, identificamos nesta um impulso excessivo. Portanto, trata-se de um impulso que, segundo os estóicos, estaria além do controle da razão. Crisipo vai ainda adiante, quando ao relacionar a paixão com o *lógos*, a admite como um julgamento errado. Seu antecessor, Zenão de Cítio, fundador da *Stoa*, entendia que as paixões são perturbações na alma que nascem em consequência de um juízo falso³. De fato, sendo o próprio erro de julgamento ou uma decorrência dele, temos que a paixão não pode, segundo a doutrina estóica, ser fruto do que há em nós de irracional. Certamente, diante de uma ontologia que dá primazia absoluta ao *lógos*, em todos os níveis, está descartada a característica voluntária da paixão. A paixão enquanto julgamento errôneo pontua a desintegração entre o *lógos* humano e o *lógos* universal.

De acordo com Crisipo, qualquer impulso é causa eficiente da ação⁴. Os impulsos refletem a atividade da alma que converte as impressões recebidas em julgamentos, assentindo sobre o que deve ser seguido ou evitado. Isso significa dizer que, Crisipo, desconsiderando a passividade da alma e afirmando sua atividade como movimento essencial para compreensão, afirmou que todos os impulsos são atos decorrentes do assentimento⁵. Sendo assim, cabe perguntar: de que modo os estóicos caracterizam os impulsos? Pelo princípio da *oikeíosis*⁶. Este princípio refere-se ao impulso de conservação, comum a todos os seres vivos. No entanto, nas plantas isso se dá de modo natural, nos animais por instinto e no homem esse movimento é totalmente sustentado pelo *lógos*:

Sendo inato o impulso nos animais e dele se utilizando, tendem aos seus próprios fins; para eles, governar-se segundo a natureza é governar-se segundo o impulso. Mas, uma vez que a razão foi dada aos seres racionais, para uma direção mais perfeita, viver corretamente de acordo com a razão consiste em viver segundo a natureza. A razão surge, pois, como mestre do impulso⁷.

kat'areten zen, “o fim da *physis*, dizia, é viver de acordo com a natureza, que é o mesmo que viver de acordo com a virtude.”

² DL VII 116 (SVF III 431 – LS 65 F)

³ Galeno, *Galení de Placitis Hippocratis et Platonis* [Sobre as Doutrinas de Hipócrates e Platão =Plac.] 4.3.2 (LS 65 K1) SVF III 461.

⁴ SVF III 169.

⁵ Estobeu, *Anthologium* [Eclogae = Ecl.] 2 88 (SVF III 171 - LS 33 I)

⁶ DL VII 85 (LS 57 A)

⁷ DL VII 86 (LS 57 A)

Portanto, é desse modo que o homem realiza sua natureza específica, ou seja, sua racionalidade, diferenciando-se dos demais seres vivos também partícipes desse todo universal.

Segundo a teoria do conhecimento estóica, o homem, ao nascer, tem a alma em branco⁸, ou seja, não possui nenhum conhecimento prévio e, por ação da experiência, a partir das impressões que vão sendo marcadas em sua alma, vai adquirindo seus conhecimentos. A primeira ocorrência da impressão dá-se em consequência da percepção sensorial, decorrente de uma ação real sobre os órgãos sensoriais. Essas impressões são registradas na alma, e repetidos registros da mesma impressão conduzem à formulação dos conceitos. A impressão é transmitida à alma que gera a representação⁹. Para eles, a capacidade humana de formular conceitos é inata, mas o processo de elaboração dessa capacidade constitui-se a partir das primeiras experiências sensoriais com o mundo externo e com sua própria consciência. A partir dessa descrição, o processo cognitivo, a princípio, parece refletir a idéia de um estado passivo da alma. De fato, Zenão e Cleanto, entenderam a impressão como marcas (*týpos*) materiais na alma. Sexto Empírico, em uma passagem do texto *Contra os matemáticos* (VII, 227), revela-nos que ambos referiam-se à impressão como depressão e relevo, tal qual a marca feita pelos timbres na cera. Essa idéia, certamente, representa uma passividade da alma. No entanto, Crisipo considerava que a representação sensível, isto é, a imagem do real produzida na alma por ação de um objeto exterior, não ocorria apenas como a impressão de um objeto sobre a alma, mas como uma alteração da alma produzida pela impressão de um objeto exterior. Ou seja, há um efeito, isto é, uma articulação do pensamento, que resulta de uma relação de forças entre a alma e o objeto exterior¹⁰. Então, o que é compreensível não é apenas a impressão, mas também o que a causou, que no caso da representação compreensiva é o objeto real. Portanto, assentindo à impressão, assentimos ao objeto. Podemos entender que a impressão por si só não fornece todas as informações necessárias para a compreensão do objeto. O que a impressão, segundo os estóicos, pode garantir é sua correspondência com a realidade. Por fim, a conclusão desse processo cognitivo dá-se com a articulação feita pelo homem acerca da impressão recebida, resultando na representação compreensiva. Com isso,

⁸ Aécio, *Plac.* IV 11 (SVF II 83 - LS 39 E)

⁹ A característica sensorial da representação defendida pelos estóicos deve-se fundamentalmente aos traços sensísticos e materialistas da sua gnosiologia. No entanto, é importante ressaltar a diferença entre os estóicos e os epicuristas. Estes indicavam a sensação como único critério de verdade. Mas para os estóicos, a sensação consistia apenas no momento inicial do processo cognitivo.

Areal Guimarães, Mariângela
Os estóicos e a lida com as paixões

podemos estar de acordo, a partir da concepção de Crisipo, com relação à atividade da alma como um movimento essencial para a representação.

Para os estóicos, a relação entre as impressões, o pensamento e o impulso processa-se tendo em vista uma específica concepção de natureza, que retrata o mundo como um todo constituído de *lógos* que está continuamente possibilitando toda e qualquer natureza. O homem, que é parte integrante do universo como um todo e, que como qualquer ser natural é constituído de *lógos*, compartilha desta propriedade inerente à natureza universal. Considerando a relação intrínseca entre a natureza e o homem, vemos que ele, através de seu poder de articulação de pensamento, tem os meios para agir de acordo com o *lógos*. Com isso, identificamos que o processo cognitivo opera-se não como um mero resultado de um processamento mental, mas a partir de uma total integração entre o *lógos* do homem e o *lógos* do universo, este, imanente e precipitador de toda a realidade. Dessa integração resulta a compreensão (*kathalépsis*) através do assentimento da impressão ocorrida na alma¹¹. Portanto, o ato de compreender o efeito da impressão de um objeto exterior na alma consiste, para os estóicos, em uma forma de julgamento, isto é, assentindo ou não à impressão¹².

Então, diante da relação de identidade entre homem e natureza, podemos entender que o homem, a partir de seu *lógos* próprio como racional, ou melhor, da perfeição de sua racionalidade integrada, identifica que bem é o que conserva seu ser e mal é o que é nocivo a sua natureza¹³. Como a especificidade da natureza humana é sua racionalidade, bens e males são aqueles que respectivamente beneficiam ou prejudicam a *phýsis* racional. Os demais bens que não se referem aos bens morais, como, por exemplo, a riqueza, a saúde, a beleza, e seus respectivos contrários que, conseqüentemente, não se referem aos males morais, são considerados moralmente indiferentes¹⁴.

Mas os indiferentes incluem os preferíveis e os não preferíveis, ou seja, aqueles para os quais tendemos naturalmente e aos que nos causam repulsa. Por exemplo, a saúde, apesar de ser considerada um indiferente, é classificada como preferível, pois naturalmente tendemos

¹⁰ DL VII 49 (LS 33 D) “A impressão guia o caminho; então o pensamento, que está apto a falar, expressa no discurso o que experimentou como resultado da impressão”.

¹¹ Para Zenão, esse assentimento decorre de uma representação formada a partir do objeto. Essa representação é tal que, não poderia ocorrer se o objeto não existisse (Cic. Acad II, 18) Logo, não há nenhum conceito a priori; um conceito é uma imagem no pensamento (DL VII 61). E, qualquer “afecção” requer um “agente” correspondente como causa. Mas isso não significa dizer que toda impressão será uma clara indicação do objeto, pois também pode ser produzida por uma mentalidade anormal, sob o ponto de vista de saúde mental, sem nenhum “agente” correspondente. Nesse caso, corresponderia a um pensamento fantasioso (*phantasma*).

¹² Sexto Empírico, *Contra os Matemáticos*, VII, 245 (LS 39 G)

¹³ SVF III 72.

¹⁴ DL VII 102 (LS 58 A)

Areal Guimarães, Mariângela
Os estóicos e a lida com as paixões

a nos autopreservar discriminando o que nos faz mal do que nos faz bem¹⁵. Ao homem compete decidir, a partir do conhecimento da situação, se escolhe ações que possam colocar sua saúde em risco ao invés de preservá-la, mas a correção da escolha não nega, nem afirma, portanto, não se relaciona, com o fato de que naturalmente o homem prefira a saúde à doença. Como nos testemunha Epiteto:

Por isso Crisipo estava certo ao dizer: “Dado que o futuro é incerto para mim, sempre afirmo que aquelas coisas que são mais bem adaptadas para obter as coisas de acordo com a natureza, deus me dispôs capaz de escolhê-las”¹⁶.

Para os estóicos, o valor associado aos preferíveis e não-preferíveis já fornece por si só condições para eliminar esses e selecionar aqueles. Basta nos lembrarmos que inicialmente a avaliação de bens e males baseia-se no princípio da *oikeiosis*¹⁷ segundo o qual decorre a concepção de bem como o que preserva o ser e mal o que o prejudica¹⁸. A seleção já seria um movimento natural, mesmo que condicionado às circunstâncias. O que significa dizer que o julgamento de valor acerca das coisas a serem preferidas e das coisas a serem preteridas processa-se não apenas a partir do individual, mas integrando o individual aos dados da natureza¹⁹. Portanto, a sabedoria não está em desejar ardentemente aquilo que não nos cabe definir, tendendo para os bens assim considerados por nos garantirem a boa vida, mas em buscar o verdadeiro bem identificado à felicidade: a integração ao *lógos* universal. Com isso podemos entender que o próprio do homem a ser preservado e beneficiado é o *lógos* e, o que se opõe a esse movimento, constitui o mal. Assim, a partir do *lógos*, o homem pode identificar e entender que, os bens morais o levam a ser virtuoso e, portanto, feliz; e os males morais o levam a ser vicioso.

No entanto, vale ressaltar que da mesma forma que o homem é o único ser natural dotado de capacidade racional e que, no pleno exercício de sua especificidade, é virtuoso, ele igualmente é o único ser natural que pode *não* agir de acordo com a natureza. Ou seja, há nele a possibilidade de escapar dessa condição e estar inserido numa postura inversa, de *taraxía*, isto é, de perturbação da alma, de conflitos que o dificultariam alcançar a condição ideal dos filósofos helenistas, a *ataraxía*, condição esta que reflete a plena harmonia universal. Essa possibilidade de não agir em conformidade com a razão universal é que faz do homem um

¹⁵ Estobeu, *Ecl.* II 80 13 (LS 58 C3)

¹⁶ Epiteto, *Dissertationes ab Arrianodigestae* [*Discursos = Diss.*], II 6 9 (SVF III 191 – LS 58 J)

¹⁷ Cf. nota 6.

¹⁸ SE CM XI 22-6 (SVF III 75 – LS 60 G1)

Areal Guimarães, Mariângela
Os estóicos e a lida com as paixões

agente moral, isto é, alguém de quem a conduta pode ser caracterizada como boa ou má. O homem é naturalmente formado por impulsos virtuosos suficientes para conduzir a razão na direção correta²⁰. Mas apesar da natureza universal prover o homem dessa tendência à realização do bom caráter, ser virtuoso demanda grande esforço pessoal, pois todos estão sujeitos às influências que podem dificultar o desenvolvimento de sua racionalidade em plena harmonia com a natureza. A plenitude do desenvolvimento do ser racional está ligada ao conhecimento do que é verdadeiramente bom e às consequentes ações virtuosas. A perfeição da natureza humana não é determinada independentemente do próprio esforço do homem, como o é seu impulso natural. O objetivo maior ou a função do homem, *kathêkonta*, isto é, agir apropriadamente²¹ é a perfeição de sua natureza. Portanto, a perfeição da natureza humana não é meramente atender a um impulso natural, mas agir em conformidade com o *lógos*.

O estoicismo pretendeu, através de sua doutrina moral, fornecer meios para que o homem pudesse garantir sua felicidade. Ao assegurar o conhecimento de como o homem deveria agir a partir da identificação dos bens e dos males morais e, conseqüente atenuação das paixões, o filósofo estóico estava certo de que dessa forma o homem estaria agindo conforme sua natureza. E ainda, que embora fosse naturalmente apropriado preferir a riqueza e a saúde, à pobreza e à doença, esses bens considerados como preferíveis e não-preferíveis, não fariam diferença na conquista da felicidade idealmente entendida como *ataraxía*, tranquilidade da alma. O impulso natural em direção aos bens considerados externos precisaria ser moldado, pois ser rico ou pobre, doente ou saudável, depende de circunstâncias exteriores ao homem. Não depende absolutamente de nós experimentar o prazer ou escapar ao sofrimento. O que nos cabe é estar em conformidade com o *lógos*, porque isso sim depende de nós. Aquilo que não nos cabe decidir deve ser indiferente a nós.

Para concluir, podemos nos direcionar para as seguintes reflexões: os impulsos geram comportamentos aos quais, o homem, através do seu julgamento, assentiu. Se este julgamento não estiver em conformidade com a natureza, não será forte o suficiente para lidar com as paixões. Assim sendo, é possível identificar que os estóicos distinguem o sábio do homem comum pela consistência do seu *lógos*. Segundo eles, o sábio está seguro quanto ao fato de que o bem é o bem moral e o mal é o mal moral, portanto está imune às paixões. Em contrapartida, o homem comum está sujeito a ausência dessa consistência e retidão da razão, o

¹⁹ Estobeu, *Ecl.* II 83 10 (SVF III 124 – LS 58 D2)

²⁰ SVF I 566.

²¹ DL VII 108 (LS 59 E) “Todas as ações que a razão nos persuade a fazer.”

Areal Guimarães, Mariângela
Os estóicos e a vida com as paixões

que o leva a vivenciar um estado de flutuação entre a razão totalmente integrada ao *lógos* universal e a razão que escapa a essa integração. A análise estóica inferiu que, através do exercício em busca de sua excelência ética, o homem poderia alcançar a tranquilidade da alma. Trata-se de um processo que marca o desenvolvimento de suas capacidades, não para extirpar toda emoção e desejo, mas, pelo contrário, na ocorrência das paixões, para fortalecer sua reta razão. Portanto, de acordo com o ideal de sábio presente no estoicismo antigo, temos que as forças responsáveis pela realização da vida são autônomas frente a qualquer outra. No entanto, disso não podemos entender que para os estóicos não haja uma relação entre os afetos e o homem. Pelo contrário, há uma integração ainda maior que se dá internamente, ou seja, uma unidade dinâmica de autonomia. Assim sendo, para os estóicos, o importante é o modo como o homem lida com as afecções, sua postura frente aos acontecimentos. A vida humana é, em singularidades diferentes, um processo de integração interno dessa unidade de virtude sobre todos os outros fatores que compõem o comportamento do homem. Os estóicos entendem que a influência de qualquer prazer ou sofrimento externo não compromete o grau de felicidade em que o homem se encontra. Então, quando o homem atinge o grau superlativo com relação à virtude e conhece as dimensões de um julgamento contrário à natureza, ele é feliz e está acima de toda e qualquer influência externa. Isso não significa dizer que ele não sinta faltas ou carências ou que faça parte da sua natureza não vivenciar as paixões. Mas através da virtude, isto é, tendo atingido o grau máximo da racionalidade, que é a virtude de integração com a razão universal, ele consegue superar, ou melhor, transformar qualquer falta ou excesso em felicidade.

BIBLIOGRAFIA

- ARNIM, Von. *Stoicorum Veterum Fragmenta*. Stuttgart, 1903.
- BOBZIEN, Susanne. *Determinism and Freedom in Stoic Philosophy*. New York Oxford University Press, 2005.
- BRÉHIER, Émile. *Les Stoïciens*. Textos traduzidos por Émile Bréhier, editados sob a direção de Pirre – Máxime Schuhl. Bibliothèque de La Pleiade. Paris. Gallimard, 1962.
- _____. *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*. Paris. PUF, 1951.
- BRUNSCHWIG, Jacques. *Études sur les philosophies hellénistiques*. Paris. PUF, 1995.
- GOURINAT, Jean-Baptiste. *Les Stoïciens*. Dirigido por G. Romeyer Dherbey e editado por Jean-Baptiste Gourinat. Paris. Vrin, 2005.
- HADOT, Pierre. *O que é a Filosofia Antiga?*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo Loyola, 2004.

Areal Guimarães, Mariângela
Os estóicos e a lida com as paixões

INWOOD, Brad. *Os Estóicos*. Organizador Brad Inwood. Tradução: Paulo Fernando T. Ferreira. Odysseus, 2006.

LONG, A. A. *Hellenistic Philosophy – stoics, epicureans, sceptics*. Ed. Duckworth, 1986.

LONG, A. A. & SEDLEY, D. N. *The Hellenistic Philosophers*. Vol. I e II. Cambridge. Cambridge University Press, 1987.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*, vol.III. Trad. Marcelo Perine. São Paulo. Loyola, 1992.

[Recebido em dezembro de 2009; aceito em dezembro de 2009.]